

NEURODIVERSIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR: DESAFIOS DA FORMAÇÃO DOCENTE

NEURODIVERSITY IN THE SCHOOL CONTEXT: CHALLENGES IN TEACHER TRAINING

Joseli Aurélio dos Santos Lima¹

RESUMO: A neurodiversidade constitui uma temática de crescente relevância no campo educacional, especialmente diante da necessidade de promover práticas pedagógicas que reconheçam as diferentes formas de aprendizagem, comunicação, interação e desenvolvimento dos estudantes. Este estudo tem como objetivo analisar os principais desafios da formação docente diante da neurodiversidade no contexto escolar, considerando as demandas relacionadas à inclusão e à valorização das singularidades dos alunos. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada na análise de artigos científicos, publicações acadêmicas e conteúdos disponíveis em sites especializados sobre neurodiversidade, educação inclusiva e formação docente. As discussões evidenciam que a preparação insuficiente dos professores pode dificultar a adoção de estratégias pedagógicas adequadas, contribuindo para situações de insegurança profissional e limitações no processo de inclusão. Verifica-se, ainda, que a formação inicial e continuada desempenha papel fundamental no desenvolvimento de conhecimentos e competências necessários à construção de práticas mais flexíveis, inclusivas e responsivas às necessidades dos estudantes. Conclui-se que o fortalecimento da formação docente é indispensável para a consolidação de uma escola comprometida com a diversidade, a participação e o direito à aprendizagem de todos.

Palavras-chave: Neurodiversidade. Formação docente. Educação inclusiva.

ABSTRACT: Neurodiversity is a topic of growing relevance in the field of education, particularly given the need to promote pedagogical practices that acknowledge students' diverse ways of learning, communicating, interacting, and developing. This study aims to analyze the main challenges regarding teacher training in the face of neurodiversity within the school context, considering the demands associated with inclusion and the valuing of students' unique characteristics. To this end, a qualitative literature review was conducted, based on the analysis of scientific articles, academic publications, and content from specialized websites regarding neurodiversity, inclusive education, and teacher training. The discussions highlight that inadequate teacher preparation can hinder the adoption of appropriate pedagogical strategies, contributing to professional insecurity and limitations in the inclusion process. Furthermore, the study finds that initial and continuing teacher education plays a fundamental role in developing the knowledge and skills necessary to create practices that are more flexible, inclusive, and responsive to student needs. It is concluded that strengthening teacher training is essential for consolidating a school system committed to diversity, participation, and the right to learning for all.

Keywords: Neurodiversity. Teacher training. Inclusive education.

¹ Discente do curso de Mestrado.

1 INTRODUÇÃO

A neurodiversidade constitui uma perspectiva cada vez mais presente nas discussões contemporâneas sobre educação, inclusão e respeito às diferentes formas de funcionamento cognitivo e comportamental. No contexto escolar, essa temática assume especial relevância diante da presença de estudantes que apresentam diferentes características relacionadas ao desenvolvimento, à aprendizagem, à comunicação, à interação social e à percepção do ambiente. A compreensão de que os sujeitos podem apresentar formas distintas de processar informações e construir conhecimentos amplia a necessidade de práticas pedagógicas que considerem a diversidade como elemento constitutivo do processo educacional, superando concepções baseadas exclusivamente na padronização dos comportamentos e dos modos de aprender.

Nesse cenário, a escola ocupa uma posição fundamental na promoção de uma educação capaz de reconhecer as singularidades dos estudantes e assegurar condições adequadas para sua participação e aprendizagem. Entretanto, a efetivação de práticas inclusivas ainda encontra obstáculos relacionados à organização escolar, à disponibilidade de recursos, às condições de trabalho e, especialmente, à preparação dos profissionais responsáveis pela ação pedagógica. A formação docente destaca-se, portanto, como um dos principais elementos para a construção de ambientes educacionais mais inclusivos, uma vez que o professor necessita desenvolver conhecimentos e estratégias que possibilitem identificar necessidades educacionais, adaptar práticas e estabelecer relações pedagógicas fundamentadas no respeito às diferenças.

A ampliação das discussões sobre neurodiversidade evidencia a necessidade de repensar concepções tradicionais acerca da aprendizagem e do desenvolvimento dos estudantes, especialmente quando determinadas características são interpretadas exclusivamente como limitações individuais. Nesse sentido, discutir a preparação dos professores para lidar com a diversidade presente nas salas de aula contribui para o fortalecimento de práticas que favoreçam a participação, a aprendizagem, a autonomia e a convivência entre os estudantes, além de colaborar para a redução de situações de exclusão, preconceito e estigmatização no ambiente escolar.

A problemática que orienta esta pesquisa está relacionada aos desafios enfrentados pelos docentes diante da necessidade de atender estudantes com diferentes formas de aprendizagem e de interação, considerando que a formação profissional nem sempre contempla, de maneira

suficiente, conhecimentos relacionados à neurodiversidade e às práticas pedagógicas inclusivas. A ausência ou insuficiência de preparação específica pode gerar insegurança na atuação docente, dificultar a elaboração de estratégias adequadas e contribuir para a reprodução de práticas pouco flexíveis. Dessa forma, torna-se necessário compreender quais são os principais desafios presentes na formação dos professores e de que maneira essa preparação pode contribuir para uma atuação pedagógica mais consciente, inclusiva e sensível às singularidades dos estudantes.

Para o desenvolvimento deste estudo, será realizada uma pesquisa de natureza bibliográfica e abordagem qualitativa, fundamentada na análise de artigos científicos, publicações acadêmicas e conteúdos disponibilizados em sites especializados relacionados à educação, à inclusão, à neurodiversidade e à formação docente. A abordagem qualitativa mostra-se pertinente por possibilitar uma análise interpretativa das informações encontradas, buscando compreender diferentes perspectivas acerca da temática investigada, enquanto o caráter bibliográfico permite reunir e discutir conhecimentos já produzidos sobre o assunto. A seleção e análise do material terão como finalidade identificar aspectos recorrentes, desafios, possibilidades e contribuições apontados pelas produções consultadas, estabelecendo relações entre a formação docente e a construção de práticas escolares mais inclusivas.

Diante desse contexto, o objetivo geral desta pesquisa é analisar os desafios da formação docente diante da neurodiversidade no contexto escolar, considerando as demandas relacionadas à inclusão e às diferentes formas de aprendizagem e participação dos estudantes. Como objetivos específicos, busca-se compreender o conceito de neurodiversidade e sua relação com o ambiente educacional; identificar os principais desafios enfrentados pelos professores no atendimento à diversidade presente nas salas de aula; analisar a importância da formação inicial e continuada para a atuação docente em contextos inclusivos; e discutir possibilidades de fortalecimento das práticas pedagógicas voltadas ao reconhecimento das singularidades dos estudantes. Assim, pretende-se contribuir para uma reflexão sobre a necessidade de uma formação docente que ultrapasse a transmissão de conhecimentos teóricos e favoreça o desenvolvimento de competências necessárias à construção de uma escola verdadeiramente inclusiva, democrática e comprometida com o direito de todos à aprendizagem.

2 DESENVOLVIMENTO

A discussão sobre neurodiversidade no contexto escolar parte do reconhecimento de que os indivíduos não apresentam formas idênticas de perceber, interpretar e responder às

experiências que vivenciam. Cada estudante constrói sua relação com o conhecimento a partir de características próprias, influenciadas por aspectos cognitivos, emocionais, sociais, culturais e ambientais. Nesse sentido, compreender a diversidade existente entre os sujeitos significa abandonar a expectativa de que todos aprendam da mesma maneira, no mesmo ritmo e mediante estratégias pedagógicas uniformes. A escola, como espaço de formação humana, precisa estar preparada para lidar com essa pluralidade sem transformar diferenças em obstáculos previamente determinados.

O conceito de neurodiversidade amplia essa compreensão ao considerar que determinadas características relacionadas ao funcionamento neurológico fazem parte da diversidade humana. Para Santos et,al (2024) “A neurodiversidade reconhece e respeita as diversidades neurológicas que fazem parte da vida das pessoas”. Em vez de interpretar toda diferença como deficiência ou inadequação, essa perspectiva favorece uma análise que considera tanto as particularidades individuais quanto as condições oferecidas pelo ambiente. Isso não significa desconsiderar dificuldades que possam exigir acompanhamento especializado, adaptações ou intervenções específicas, mas compreender que as barreiras enfrentadas pelos estudantes também podem estar relacionadas à maneira como a escola organiza seus tempos, espaços, relações e propostas pedagógicas.

4

No ambiente educacional, essa mudança de perspectiva possui consequências importantes. Uma instituição estruturada exclusivamente a partir de um modelo considerado padrão tende a apresentar dificuldades para acolher estudantes cujas formas de comunicação, atenção, interação ou aprendizagem não correspondam às expectativas convencionais. Quando isso ocorre, o aluno pode ser visto como aquele que precisa simplesmente se adaptar à escola, enquanto as práticas institucionais permanecem inalteradas. Uma educação efetivamente inclusiva pressupõe movimento contrário: além de apoiar o estudante em suas necessidades, a escola também deve examinar suas próprias práticas e identificar quais barreiras podem estar limitando a participação e a aprendizagem.

A presença de estudantes neurodivergentes nas salas de aula evidencia, portanto, a necessidade de repensar concepções tradicionais sobre o processo educativo. O ensino não pode ser reduzido à transmissão uniforme de conteúdos, tampouco a aprendizagem deve ser avaliada apenas pela capacidade de responder às mesmas atividades e instrumentos utilizados para todos. Diferentes formas de apresentar informações, organizar tarefas, estabelecer rotinas e verificar conhecimentos podem ampliar significativamente as possibilidades de participação. A

flexibilidade pedagógica passa a constituir um recurso importante para atender à heterogeneidade sem perder de vista os objetivos educacionais comuns.

Essa discussão também envolve uma compreensão mais ampla sobre o que significa incluir. A inclusão escolar não se resume à matrícula ou à permanência física do estudante na instituição. Estar incluído significa participar das experiências escolares, estabelecer relações, ter oportunidades de aprendizagem e sentir-se pertencente ao espaço educativo. Um estudante que permanece na sala de aula, mas não encontra condições para compreender as propostas, expressar suas ideias ou interagir com os colegas, ainda vivencia uma forma de exclusão. Por isso, a inclusão precisa ser observada a partir da qualidade das experiências proporcionadas e não somente a partir do acesso à escola.

Nesse processo, o professor ocupa uma posição estratégica. É ele quem estabelece grande parte das interações cotidianas com os estudantes, seleciona recursos, organiza atividades, conduz situações de aprendizagem e acompanha o desenvolvimento da turma. Sua atuação pode favorecer a participação ou, involuntariamente, criar barreiras adicionais. Entretanto, não seria adequado atribuir exclusivamente ao professor a responsabilidade pela efetivação da inclusão. A qualidade do trabalho pedagógico depende também das condições institucionais, da atuação da equipe escolar, do suporte especializado, da participação da família, da disponibilidade de recursos e das políticas educacionais existentes.

5

É justamente nesse ponto que a formação docente ganha centralidade. Para trabalhar com uma turma heterogênea, o professor necessita mais do que boa vontade ou disposição para ajudar. Moita et,al (2026) “A escola tem a oportunidade de se estruturar de maneira mais sensível, acessível e comprometida com a aprendizagem de todos, superando os persistentes desafios inerentes à formação docente”. É preciso compreender características diversas do desenvolvimento, reconhecer diferentes necessidades educacionais e conhecer possibilidades metodológicas capazes de ampliar a participação dos estudantes. A formação profissional deve oferecer instrumentos para que o docente possa observar, planejar, avaliar e reorganizar sua prática diante de situações concretas, evitando respostas baseadas apenas em improvisações ou experiências pessoais.

A formação inicial, entretanto, nem sempre consegue contemplar a complexidade presente nas escolas. Os cursos de preparação para a docência precisam lidar com uma extensa quantidade de conhecimentos relacionados aos fundamentos educacionais, às áreas específicas de ensino, ao planejamento, à avaliação e à organização do trabalho pedagógico. Para Leite et,al

(2018) “Entre os diversos desafios da formação docente, sobressai-se a necessidade de capacitar profissionais para lidar com a multiplicidade de demandas emergentes na educação.”

Nesse percurso, conteúdos relacionados à neurodiversidade podem receber tratamento insuficiente ou excessivamente teórico, deixando o futuro professor pouco preparado para enfrentar situações concretas. A distância entre o conhecimento estudado e os desafios encontrados na sala de aula pode gerar insegurança justamente no início da carreira.

Por essa razão, a formação continuada assume papel igualmente relevante. A realidade escolar se transforma constantemente, e novas demandas chegam às instituições à medida que a sociedade amplia sua compreensão sobre diferenças, direitos e formas de participação. A atualização profissional permite que os docentes revisitem conceitos, conheçam novas estratégias e reflitam criticamente sobre experiências vivenciadas no cotidiano. Mais do que acumular cursos e certificados, a formação continuada precisa estar relacionada às necessidades reais da escola e possibilitar momentos de estudo, discussão coletiva, acompanhamento e avaliação das práticas adotadas.

Outro aspecto importante diz respeito à capacidade de o professor reconhecer que comportamentos considerados inadequados nem sempre representam falta de interesse, indisciplina ou resistência à aprendizagem. Determinadas manifestações podem estar relacionadas à maneira como o estudante lida com estímulos, mudanças de rotina, demandas comunicativas, relações sociais ou situações de sobrecarga. Uma interpretação precipitada pode levar à adoção de medidas punitivas ou excludentes, enquanto uma observação mais cuidadosa permite identificar possibilidades de intervenção pedagógica mais adequadas. Conhecer a diversidade neurológica, nesse sentido, contribui também para qualificar o olhar docente.

A observação sistemática do estudante constitui uma ferramenta essencial nesse processo. Antes de estabelecer estratégias, é necessário compreender como ele participa das atividades, quais situações favorecem seu envolvimento, quais fatores provocam dificuldades e quais recursos parecem facilitar sua aprendizagem. Esse acompanhamento não deve servir para rotular ou limitar expectativas, mas para subsidiar decisões pedagógicas. Teixeira e Alliprandini (2013) “A implementação de estratégias de aprendizagem pode favorecer o desenvolvimento de estudantes que enfrentam dificuldades no processo de ensino-aprendizagem”. Quando o professor conhece melhor seus alunos, consegue construir propostas mais ajustadas à realidade da turma e identificar avanços que poderiam passar despercebidos em avaliações padronizadas.

A adaptação das práticas pedagógicas não significa necessariamente elaborar uma atividade completamente diferente para cada estudante. Em muitos casos, pequenas alterações na apresentação das instruções, no tempo disponível, nos recursos utilizados ou na organização do espaço já produzem efeitos significativos. Recursos visuais, atividades práticas, diferentes possibilidades de expressão, rotinas previsíveis e instruções mais objetivas podem facilitar a participação de determinados alunos. A questão central está em compreender que flexibilidade não representa redução da qualidade do ensino, mas uma forma de ampliar o acesso ao conhecimento.

O planejamento pedagógico também precisa incorporar essa perspectiva. Quando a diversidade é considerada somente depois que uma dificuldade aparece, as intervenções tendem a ser mais emergenciais e fragmentadas. Por outro lado, um planejamento que já considera diferentes possibilidades de participação cria condições mais favoráveis para todos. Isso implica pensar antecipadamente em diferentes formas de apresentar um conteúdo, propor atividades e verificar a aprendizagem. A diversidade deixa, assim, de ser tratada como exceção e passa a integrar o próprio processo de organização do ensino.

A avaliação merece atenção particular nesse debate. Modelos avaliativos rígidos podem não revelar adequadamente aquilo que determinado estudante sabe ou consegue realizar. Um aluno pode apresentar dificuldades em uma forma específica de avaliação e, ao mesmo tempo, demonstrar domínio do conteúdo por meio de outra linguagem ou estratégia. Isso não significa eliminar critérios de aprendizagem, mas diversificar os instrumentos utilizados para que a avaliação cumpra sua função pedagógica. Avaliar deve significar também compreender processos, identificar avanços, reconhecer dificuldades e orientar novas intervenções.

As relações estabelecidas entre professores e estudantes constituem outro componente decisivo. A aprendizagem ocorre em um ambiente marcado por vínculos, expectativas e sentimentos de pertencimento. Para Ribeiro (2010) “A afetividade exerce um papel fundamental na motivação dos estudantes em relação às disciplinas curriculares, aos professores e, conseqüentemente, ao próprio processo de aprendizagem escolar”. Quando o estudante percebe que suas características são respeitadas, tende a encontrar melhores condições para participar das experiências escolares. Em contrapartida, situações frequentes de constrangimento, comparação ou exposição podem comprometer sua confiança e seu envolvimento. A postura docente, portanto, precisa combinar firmeza pedagógica com sensibilidade, evitando tanto a

negligência das necessidades individuais quanto a superproteção que possa restringir a autonomia.

A convivência com a diversidade também produz efeitos sobre toda a comunidade escolar. Uma escola que reconhece diferentes formas de existir e aprender proporciona aos demais estudantes oportunidades de desenvolver empatia, respeito e capacidade de conviver com aquilo que não corresponde às suas próprias experiências. A inclusão, nesse sentido, não beneficia exclusivamente aqueles que necessitam de determinadas adaptações. Ela contribui para uma cultura escolar mais aberta às diferenças e menos orientada pela padronização. O reconhecimento da pluralidade pode fortalecer relações sociais mais cooperativas dentro e fora da sala de aula.

Nesse contexto, a família também precisa ser considerada como parte importante do processo. O diálogo entre escola e responsáveis possibilita ampliar o conhecimento sobre o estudante, compreender aspectos de sua rotina e estabelecer estratégias coerentes entre os diferentes espaços de convivência. Entretanto, essa relação deve ser construída de forma colaborativa, sem transferir à família responsabilidades que pertencem à escola ou responsabilizá-la pelas dificuldades apresentadas pelo aluno. A parceria torna-se produtiva quando existe escuta mútua, respeito às atribuições de cada parte e compromisso compartilhado com o desenvolvimento do estudante.

8

Outro desafio está relacionado à articulação entre o trabalho docente e os serviços de apoio existentes na instituição ou na rede de ensino. De acordo com a Secretaria de Educação de São Paulo (2023) “participação conjunta dos professores, profissionais e familiares é indispensável para contemplar os diferentes contextos vivenciados”. Em determinadas situações, o professor pode necessitar de orientações de profissionais especializados para compreender melhor determinadas necessidades e organizar estratégias pedagógicas. Essa colaboração, contudo, não deve retirar do docente sua responsabilidade educativa nem transformar o estudante em objeto exclusivo de intervenção especializada. O trabalho conjunto precisa favorecer a circulação de conhecimentos e a construção de respostas integradas, evitando que cada profissional atue de maneira isolada.

As dificuldades encontradas na formação docente também estão relacionadas às próprias condições de trabalho. Turmas numerosas, excesso de atribuições, falta de recursos, pouco tempo para planejamento e ausência de espaços institucionais de estudo podem dificultar a implementação de práticas inclusivas. Mesmo um professor preparado pode encontrar

limitações quando a estrutura escolar não oferece condições para colocar em prática aquilo que conhece. Por isso, discutir formação sem considerar as condições concretas do exercício profissional produz uma análise incompleta do problema. A inclusão depende tanto da competência docente quanto do suporte oferecido pela instituição e pelas políticas educacionais.

Também é necessário evitar uma visão idealizada da inclusão. A construção de uma escola capaz de responder à neurodiversidade não acontece de forma imediata e nem depende de uma única estratégia. Existem situações complexas que exigem acompanhamento prolongado, revisão de práticas e participação de diferentes profissionais. O avanço ocorre por meio de mudanças graduais, baseadas na observação das necessidades, na avaliação dos resultados e na disposição para modificar aquilo que não está funcionando. Reconhecer os limites existentes não significa aceitar a exclusão, mas compreender os caminhos necessários para enfrentá-los de maneira responsável.

A formação docente, nesse cenário, precisa ser entendida como um processo permanente de construção profissional. O professor aprende não apenas em cursos formais, mas também ao analisar sua prática, dialogar com colegas, acompanhar seus estudantes e refletir sobre os resultados de suas escolhas pedagógicas. A experiência cotidiana possui grande potencial formativo quando é acompanhada por reflexão crítica. Dessa maneira, o desenvolvimento profissional deixa de ser visto como uma etapa encerrada após a conclusão da formação inicial e passa a constituir um movimento contínuo de aperfeiçoamento.

9

Por fim, discutir neurodiversidade no contexto escolar significa discutir a própria finalidade da educação diante de uma sociedade marcada pela pluralidade humana. Uma escola comprometida com a aprendizagem de todos precisa reconhecer que igualdade não significa oferecer exatamente as mesmas condições a sujeitos que apresentam necessidades e características diferentes. De acordo com Ferreira (2024) “a neurodiversidade na escola requer um esforço coletivo e comprometido, onde a formação, a mediação e a adaptação de práticas pedagógica”.

A equidade educacional exige a criação de condições que permitam a participação efetiva de cada estudante, preservando expectativas de aprendizagem e, simultaneamente, respeitando diferentes trajetórias. Nesse sentido, qualificar a formação docente representa um dos caminhos mais importantes para transformar princípios inclusivos em práticas concretas.

A análise desenvolvida evidencia, portanto, que os desafios da neurodiversidade na escola não podem ser reduzidos à falta de conhecimento individual dos professores. Trata-se de

uma questão que envolve formação inicial e continuada, planejamento, avaliação, organização institucional, relações interpessoais, recursos pedagógicos, participação familiar e condições de trabalho. Preparar o docente para essa realidade significa ampliar sua capacidade de compreender as diferenças sem transformá-las em rótulos, reconhecer potencialidades e dificuldades e construir respostas pedagógicas coerentes com as características de cada turma. Quando essa perspectiva se articula a uma estrutura escolar comprometida com a inclusão, aumentam as possibilidades de que a diversidade deixe de ser percebida como problema e passe a ser reconhecida como parte legítima e enriquecedora da experiência educacional.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza bibliográfica, com abordagem qualitativa, desenvolvido com o propósito de analisar os desafios da formação docente diante da neurodiversidade no contexto escolar. A escolha dessa abordagem está relacionada à necessidade de compreender, de maneira interpretativa e contextualizada, os diferentes aspectos que envolvem a preparação dos professores para lidar com as singularidades dos estudantes, considerando questões relacionadas à inclusão, às práticas pedagógicas, à aprendizagem e às condições de atuação profissional. O caráter qualitativo permite examinar os sentidos e as relações presentes na produção acadêmica sobre o tema, sem recorrer à mensuração estatística dos fenômenos investigados.

10

O levantamento bibliográfico foi realizado a partir da consulta a artigos científicos, publicações acadêmicas, documentos educacionais e conteúdos disponibilizados em sites especializados, selecionados de acordo com sua pertinência em relação ao objeto de estudo. Foram priorizados materiais que abordassem a neurodiversidade, a educação inclusiva, a formação inicial e continuada de professores, as práticas pedagógicas e os desafios relacionados à escolarização de estudantes com diferentes formas de funcionamento e aprendizagem. A seleção do material considerou a relevância temática, a consistência das informações apresentadas e sua contribuição para a compreensão do problema investigado.

Após o levantamento, os materiais selecionados foram submetidos a um processo de leitura exploratória, leitura analítica e sistematização das informações, buscando identificar conceitos, argumentos, desafios e possibilidades recorrentes nas produções consultadas. Posteriormente, os conteúdos foram organizados em eixos relacionados à compreensão da neurodiversidade, à inclusão escolar, à atuação docente, às estratégias pedagógicas e à formação

profissional. A análise interpretativa possibilitou estabelecer relações entre os diferentes aspectos encontrados na literatura e os objetivos definidos para a pesquisa, contribuindo para uma compreensão articulada do fenômeno estudado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise bibliográfica realizada permitiu identificar que os desafios da formação docente diante da neurodiversidade estão relacionados, principalmente, à necessidade de superar concepções pedagógicas padronizadas e ampliar a capacidade dos professores de reconhecer diferentes formas de aprender, comunicar-se e participar do ambiente escolar. Os estudos analisados convergem para a compreensão de que a inclusão não se limita ao acesso ou à permanência física do estudante na escola, mas envolve sua participação efetiva nas atividades, nas relações sociais e nos processos de aprendizagem. Nesse sentido, os achados reforçam a perspectiva apresentada por Santos et al. (2024), segundo a qual a neurodiversidade deve ser compreendida como parte da diversidade humana, deslocando o foco exclusivamente das limitações individuais para a relação entre as características do estudante e as condições oferecidas pelo ambiente educacional.

Os resultados também evidenciaram a centralidade da formação inicial e continuada para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas. A literatura analisada aponta que conhecimentos insuficientes sobre neurodiversidade podem gerar insegurança profissional, interpretações equivocadas de determinados comportamentos e utilização de estratégias pouco adequadas às necessidades dos estudantes. Essa constatação converge com Leite et al. (2018), ao destacarem a necessidade de preparar os docentes para lidar com a multiplicidade de demandas presentes na educação, e com Moita et al. (2026), que ressaltam a importância de uma formação capaz de favorecer uma escola mais sensível e acessível. Entretanto, os achados indicam que a formação, isoladamente, não resolve todos os obstáculos identificados. Condições de trabalho, disponibilidade de recursos, tempo para planejamento, apoio especializado e articulação entre profissionais e famílias constituem fatores igualmente relevantes para que os conhecimentos adquiridos sejam efetivamente incorporados à prática pedagógica.

Outro resultado significativo refere-se à necessidade de flexibilização das práticas de ensino e avaliação. A análise demonstrou que estratégias como diversificação dos recursos didáticos, organização previsível das atividades, instruções objetivas, diferentes formas de expressão e adequação dos instrumentos avaliativos podem favorecer a participação e a

aprendizagem sem necessariamente reduzir os objetivos educacionais. Essa compreensão aproxima-se das contribuições de Teixeira e Alliprandini (2013), ao evidenciarem a relevância das estratégias de aprendizagem para estudantes que enfrentam dificuldades no processo educativo. Do mesmo modo, a literatura analisada indica que as relações interpessoais e a dimensão afetiva exercem influência sobre o envolvimento escolar, aspecto coerente com Ribeiro (2010), que atribui à afetividade papel relevante na motivação dos estudantes. Assim, os resultados sugerem que uma prática inclusiva exige simultaneamente conhecimento pedagógico, observação sistemática, flexibilidade metodológica e construção de relações pautadas pelo respeito e pelo pertencimento.

De maneira geral, os resultados obtidos permitem concluir que a formação docente diante da neurodiversidade deve ser compreendida como um processo permanente, coletivo e articulado às condições concretas da escola. A principal implicação identificada é a necessidade de deslocar a inclusão de uma perspectiva centrada exclusivamente na adaptação do estudante para uma abordagem que também questione e transforme as barreiras presentes nas práticas e estruturas escolares. Nesse sentido, os achados confirmam a necessidade de articulação entre formação profissional, planejamento, avaliação, apoio especializado, participação familiar e organização institucional. Mais do que oferecer respostas específicas para determinados estudantes, a formação docente deve ampliar a capacidade de construir ambientes pedagógicos flexíveis e acessíveis, nos quais a diversidade seja reconhecida como elemento constitutivo do processo educativo. Dessa forma, os resultados mostram coerência com o objetivo da pesquisa ao evidenciar que enfrentar os desafios da neurodiversidade requer não apenas maior conhecimento por parte dos professores, mas uma transformação articulada das práticas e das condições que sustentam a inclusão escolar.

12

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permitiu compreender que a neurodiversidade constitui uma dimensão relevante da realidade escolar e exige uma postura pedagógica capaz de reconhecer as diferentes formas de aprender, interagir, comunicar-se e participar das experiências educativas. A investigação evidenciou que a diversidade presente nas salas de aula não deve ser compreendida como um obstáculo à prática docente, mas como uma característica própria do processo educacional. Nesse sentido, reconhecer as singularidades

dos estudantes representa uma condição importante para a construção de ambientes escolares mais acolhedores, participativos e comprometidos com a aprendizagem.

Os resultados da análise bibliográfica indicam que um dos principais desafios relacionados à escolarização de estudantes neurodivergentes está na preparação dos profissionais que atuam diretamente no processo educativo. Embora a disposição do professor seja importante, ela não é suficiente para responder à complexidade das situações encontradas no cotidiano escolar. O conhecimento sobre diferentes formas de funcionamento, associado à capacidade de observar as necessidades dos estudantes e reorganizar as práticas pedagógicas, mostra-se fundamental para que a inclusão ultrapasse o acesso físico à escola e se concretize por meio de oportunidades efetivas de participação e aprendizagem.

Nesse contexto, a formação docente inicial e continuada assume papel central. A pesquisa demonstrou que a preparação profissional precisa contemplar não apenas conhecimentos teóricos, mas também possibilidades de reflexão sobre situações concretas vivenciadas nas escolas. O professor necessita desenvolver condições para planejar atividades diversificadas, flexibilizar estratégias, utilizar diferentes recursos e acompanhar os processos de aprendizagem de maneira mais individualizada. A formação continuada, por sua vez, deve ser compreendida como um processo permanente, articulado às demandas reais do cotidiano profissional e às transformações que ocorrem no campo educacional.

13

Outro aspecto relevante identificado no estudo refere-se à necessidade de compreender a inclusão como uma responsabilidade que ultrapassa a atuação individual do professor. As dificuldades encontradas na prática pedagógica também estão relacionadas às condições de trabalho, à disponibilidade de recursos, à organização da escola, à existência de apoio especializado e à articulação entre os diferentes profissionais envolvidos. Dessa maneira, não é suficiente exigir que o docente esteja preparado se a instituição não oferece condições adequadas para que esse conhecimento seja convertido em ações concretas. A construção de uma escola inclusiva depende de uma atuação articulada entre profissionais, gestão, família e demais setores envolvidos no processo educativo.

As discussões realizadas também permitiram perceber que pequenas mudanças na organização do ensino podem favorecer significativamente a participação dos estudantes. A diversificação dos recursos, a flexibilização de determinadas atividades, a utilização de diferentes formas de apresentação dos conteúdos e a ampliação das possibilidades de expressão são caminhos que podem contribuir para atender à heterogeneidade existente nas salas de aula.

Da mesma forma, uma avaliação que considere diferentes maneiras de demonstrar conhecimentos pode oferecer uma compreensão mais adequada do desenvolvimento dos alunos. Essas ações não significam diminuir as expectativas de aprendizagem, mas criar condições mais acessíveis para que elas sejam alcançadas.

REFERÊNCIAS

- FERREIRA, Vânia da Silva. A NEURODIVERSIDADE NA ESCOLA E A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS ARTICULADAS. **Revista Nova Paideia - Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 1017-1026, 2024.
- LEITE, E. A. P. *et al.* Alguns desafios e demandas da formação inicial de professores na contemporaneidade. **Educação & Sociedade**, v. 39, n. 144, p. 721-737, jul. 2018.
- RIBEIRO, M. L. A afetividade na relação educativa. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, n. 3, p. 403-412, jul. 2010.
- MOITA, C. M. O. *et al.* Inclusão Educacional e Desenvolvimento Integral: Análise das Condições Pedagógicas para a Aprendizagem de Estudantes com Deficiência. **Revista Tópicos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 32, p. 1-24, 2026.
- SANTOS, L. M. *et al.* Neurodiversidade na Vida Acadêmica de uma Estudante de Medicina com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 30, p. e0182, 2024.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **SED-07688: Procedimentos para o Atendimento Educacional Especializado AEE**. Portal de Atendimento da Secretaria da Educação de São Paulo, 2023.
- TEIXEIRA, A. R.; ALLIPRANDINI, P. M. Z. Intervenção no uso de estratégias de aprendizagem diante de dificuldades de aprendizagem. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 17, n. 2, p. 279-288, jul. 2013.